



Entrevista coletiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na residência da Embaixada do Brasil em Portugal

Lisboa-Portugal, 25 de julho de 2008

Jornalista: Assunto brasileiro: inflação. A previsão era que a inflação voltaria ao centro da meta só em 2009. Com esse novo aumento de juros, a expectativa é de que fique abaixo do teto ainda em 2008?

Presidente: Eu não sei quando ela vai ficar abaixo do teto. O que sei é que a inflação não vai voltar. A única coisa que tenho convicção é de que nós iremos fazer o que for necessário para evitar que a inflação volte no Brasil. Iremos tomar todas as medidas que o governo tiver que tomar, que o ministro da Fazenda tiver que tomar, que o Banco Central tiver que tomar, porque não nos interessa a volta da inflação. Se existe alguém que ganha com a inflação, posso dizer que a maioria do povo brasileiro perde com a inflação.

Nós temos uma inflação com forte conteúdo internacional. É uma inflação que atingiu praticamente todos os países do mundo. Graças a Deus, o Brasil é o país onde menos tem crescido a inflação. Dos países emergentes, tipo Rússia, China e Índia, o Brasil é o que tem a inflação mais controlada. A nossa economia está muito segura.

Nós tomamos a decisão de aumentar a produção agrícola, por isso criamos uma linha de financiamento, até 2010, de 25 bilhões de reais para financiar tratores e implementos agrícolas para a agricultura familiar. Por isso, fizemos o melhor programa da safra 2008-2009, para que a agricultura brasileira possa dar um salto de qualidade e produzir muito mais. Então, eu tenho dito que, contra a inflação, vamos aumentar a produção, e vamos tomar outras medidas necessárias tomar para que não volte, porque ela não é benéfica.



Eu sempre quero lembrar ao povo brasileiro e a vocês da imprensa que vivi do outro lado da inflação, quando ela foi de 40%, 80% ao mês, e sei que isso não interessa a quem vive de salário. Se interessa a quem vive de especulação, a quem vive de salário não interessa, por isso nós não iremos deixar a inflação voltar.

Jornalista: (inaudível) ...corte no governo

Presidente: Nós não temos mais o que cortar de gasto no governo. Fizemos o reajuste que deveríamos ter feito – fizemos o fundo soberano, que é uma mistura de fundo soberano e superávit primário –, aumentamos em 0,5%, e eu acho que as medidas estão tomadas.

Obviamente que não é possível o governo ficar anunciando com antecipação o que ele vai fazer amanhã, depois de amanhã, mês que vem, se a inflação continuar. Nós iremos tomando as medidas necessárias. A única coisa que posso afirmar para vocês é que a inflação não voltará.

Jornalista: Presidente, esse aumento na taxa de juros, de 0,75%. No dia seguinte ao aumento teve queda de dólar, queda de Bolsa. O vice-presidente José Alencar falou que o aumento foi muito grande. O senhor não acha que o Banco Central exagerou na dose?

Presidente: Eu acho que o Banco Central está lá para fazer a política monetária. Se a diretoria do Banco Central entendeu que deveria tomar essa medida – poderia ter sido menos, poderia ter sido mais –, ela tomou. Agora, o que queremos é que a posição assumida pelo Banco Central cause os efeitos que nós queremos que cause, e que o Banco Central acredita que vão causar na economia brasileira.



Jornalista: (inaudível)

Presidente: Estamos trabalhando com a convicção de que os investimentos que nós temos já delineados, certificados e anunciados no Brasil são de grande monta. O que vai acontecer no Brasil, nos próximos anos, em nível de siderurgia, de refinaria, de empresa de papel e celulose, de investimento na indústria automobilística, de ferrovia, são investimentos que já estão garantidos para que o Brasil possa continuar tendo um crescimento sustentável. Se acontecer o que estou imaginando que pode acontecer, será o melhor do mundo: a economia crescendo e a inflação controlada.

Jornalista: Taxa de juros alta não pode significar redução do crescimento?
(inaudível)

Presidente: Pode. o objetivo do Banco Central quando aumenta os juros, o que ele imagina que vai acontecer? Que haja uma diminuição da demanda. Por isso que aumenta a taxa de juros. Agora, é importante vocês atentarem – e vocês, como jornalistas bem informados podem ir ao Ministério do Planejamento, ao Ministério da Fazenda e se informar –que uma grande parte dos investimentos que estão acontecendo no Brasil não estão intimamente ligados à taxa Selic. São investimentos que estão fora da taxa Selic.

Quando decidimos que a Petrobras ia fazer duas refinarias de praticamente 900 mil barris/dia a um custo de quase 30 bilhões de dólares as duas, não estava previsto que esse empréstimo seria feito via taxa Selic. Quando resolvemos conversar com a Vale do Rio Doce para fazer com que as siderúrgicas brasileiras aconteçam, não estava prevista a taxa Selic. Está prevista a TJLP, que são praticamente 80 bilhões de dólares emprestados pelo Banco do Brasil, fora a taxa Selic. Está dentro da política agrícola que, ao fazermos uma negociação de 80 bilhões de reais, com juros de 6,25% para



menos, não está dentro da taxa Selic.

Nós estamos tentando fazer essa combinação. Ao mesmo tempo em que a gente precisa dizer para a sociedade brasileira que o consumo não pode ser infinitamente superior à capacidade de oferta do País, precisamos fazer com que a oferta cresça. Qual é o problema? É que quando você começa a construir novas fábricas, num primeiro momento essas fábricas significam demanda, porque vão comprar material para serem construídas. Elas só vão ser oferta quando começarem a produzir e nós estamos conscientes de que isso vai acontecer logo no Brasil.

Jornalista: A Rodada de Doha está por um fio. Aparentemente a União Européia está oferecendo uma cota para o etanol brasileiro, de 1,4 milhão de toneladas até 2020, em troca de maior abertura do mercado brasileiro. O senhor aceitaria o etanol como moeda de troca para salvar a Rodada de Doha?

Presidente: Vocês estão percebendo, pela minha fisionomia, que eu continuo otimista com relação à Rodada de Doha. Eu tenho clareza da dificuldade de uma negociação. A gente fica falando dos outros e dá uma dimensão maior do que tem. Imaginem vocês, quando vão a um lugar comprar um automóvel usado, o quanto perdem de tempo fazendo a negociação para poder comprar esse carro. Agora, transforme essa dificuldade que tem uma pessoa para comprar um simples carro numa negociação que envolve centenas de países, com interesses difusos, com milhares de pessoas interessadas naquilo, o quanto não é difícil.

A única coisa que eu tenho clareza é que a inteligência humana obrigará os governantes do mundo inteiro a terem consciência de que é preciso um acordo na Rodada de Doha para que possamos ajudar os países mais pobres, em primeiro lugar, depois os países emergentes, em segundo lugar, a terem mais facilidade para colocar os seus produtos agrícolas nos chamados



mercados altamente desenvolvidos como Europa e Estados Unidos.

Jornalista: Mas o seu ministro está dizendo (Inaudível)

Presidente: E isso vai acontecer. Possivelmente o que o meu ministro disse para mim é o que ele disse para vocês. Eu acabei de conversar com o Celso Amorim. Aliás, tinha uma câmera me filmando. Eu estava ao celular conversando com o Celso Amorim, estava ouvindo tudo que está acontecendo lá e a única coisa...

Jornalista: Mas é verdade que (Inaudível)

Presidente: Para mim ele não disse. Para mim ele disse que está otimista e que as coisas vão acontecer.

Você imagina se um negociador pode sentar à mesa de negociação achando que não vai dar certo. Esse negociador já está derrotado. Você tem que, até o último segundo, estar lutando para que as coisas aconteçam. Se não acontecerem, não valeu o sacrifício.

Eu não sei sobre o conjunto da obra, mas na hora em que tiver o pacote fechado, certamente o companheiro Celso Amorim vai conversar comigo. Nós não queremos privilegiar um setor contra outro. O que nós queremos é um pacote que envolva a agricultura, que possa ajudar a flexibilização do mercado agrícola europeu para os países pobres e para os países emergentes.

Jornalista: Mas pode não acontecer, Presidente.

Presidente: Sabe qual é a minha preocupação? Se eu disser que pode não acontecer, a sua manchete vai ser a seguinte...



Jornalista: Se não acontecer (Inaudível)

Presidente: É que (Inaudível) pessoas que fazem manchetes nos jornais são muito inteligentes, aí a manchete vai ser a seguinte: “Presidente reconhece que pode não acontecer”. Para evitar essa manchete, até o último milésimo estarei acreditando que vai acontecer o acordo da Rodada de Doha.

Jornalista: (Inaudível) pode flexibilizar a posição dele em busca desse acordo aqui?

Presidente: Imaginem se eu pudesse fazer um triângulo e mostrar onde é que cada um tem um compromisso. Os americanos têm o compromisso de reduzir os subsídios agrícolas. Embora na Rodada (Inaudível) parece que estava previsto algo como 40 bilhões de dólares de subsídios, hoje os americanos estão pagando 8 bilhões de dólares de subsídios. Eles estão chegando a 15 bilhões. Eu acho que os americanos têm que chegar a menos, 12, 13 bilhões. Por quê? Porque eles estão pagando 8 bilhões de subsídios hoje. Isso é uma coisa importante para nós.

Do lado europeu, é preciso que flexibilizem para que os produtos agrícolas dos países em desenvolvimento cheguem ao seu mercado, e aí também precisam flexibilizar de verdade. Os países do G-20 têm que flexibilizar em produtos industriais. Qual é o cuidado? Todo mundo sabe que os países em desenvolvimento passaram muitas décadas sem ter crescimento econômico. Na medida em que esses países começam a crescer, nós não podemos aceitar nenhum acordo que implique em frear a indústria dos países em desenvolvimento, mas sempre existirá um ponto de equilíbrio. Por isso a negociação é importante. Porque aquilo que parecia fácil fica difícil, aquilo que parecia difícil fica fácil, e vocês vão perceber que, de repente, tudo que parecia impossível se transforma em possível.



Jornalista: Está mais perto do ponto de equilíbrio ou está mais longe?

Presidente: Eu acho que estamos mais perto do ponto de equilíbrio.

Jornalista: E essa proposta (Inaudível) para administrar o pessoal do (Inaudível)

Presidente: Eu fiz um decreto e nomeei uma equipe de ministros para tomar as decisões e me apresentar o que vamos fazer com a nova realidade do petróleo brasileiro. Quando isso estiver pronto, eu vou tomar uma decisão e, com o maior orgulho, comunicarei a vocês o que nós vamos fazer. O presidente da República não discute sobre idéia. Na hora em que chegar a proposta, vou deliberar.

Presidente: Presidente, houve a greve dos Correios que foi uma greve que durou muito tempo. Agora tem uma ameaça de greve da Infraero na semana que vem. O senhor está preocupado com a quantidade de greves do serviço público? O que é preciso fazer? A lei que regula as greves no serviço público...

Presidente: Não pode um presidente que surgiu das greves ser contra as greves. Eu acho que a greve é um exercício democrático, uma conquista universal da humanidade. A lei que regula as greves, que foi uma decisão da Suprema Corte brasileira diz que, ao mesmo tempo em que a pessoa tem o direito de não vender o seu serviço para pressionar um acordo, o empregador tem o direito de descontar o dia, porque só vale ganhar quem trabalha. Então, essa lógica é que vai permitir que todos nós tenhamos mais responsabilidade nas negociações.

O governo tem uma comissão de coordenação para as negociações, e



isso passa pelo ministro do Planejamento. Seria importante que vocês atentassem para a quantidade de reajustes que já demos desde que eu assumi o governo. Vamos continuar fazendo justiça na medida em que as pessoas reivindiquem aquilo que nós entendemos que seja correto para os trabalhadores. Ao mesmo tempo, as pessoas têm que entender que as empresas públicas não são propriedade dos trabalhadores delas. Elas são propriedade da nação brasileira e, portanto, elas precisam prestar bons serviços à sociedade brasileira e fazer apenas as greves que forem impossíveis de ser evitadas.

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: Eu não discuto a (Inaudível). Primeiro eu preciso pegar o projeto. Quando ele chega, a Casa Civil me comunica que o projeto foi aprovado, coloca o projeto na minha mesa. Normalmente...

Jornalista: (Inaudível)

Presidente: ...amplamente discutido e vocês só ficaram sabendo depois que ele foi aprovado. Quando a Casa Civil recebe um projeto que foi aprovado, que o Senado manda para o Poder Executivo, o que nós fazemos? Cada ministro envolvido naquele projeto tem que dar um parecer. Em função do parecer, eu posso ou não vetar, posso ou não sancionar. Muitas vezes eu chamo os ministros, como foi com a lei de anistia do João Cândido. Tinha um parágrafo que nós entendemos que deveria ser vetado. Eu reuni a ministra Marina, o ministro Edson, a Advocacia-Geral da União, para tomarmos a decisão. Obviamente que eu acho que a lei no Brasil vale para todos. Portanto, se ela vale para o presidente da República, vale para um jornalista, ela tem que valer para a OAB também.



Jornalista: Trouxe algum acordo novo, alguma implementação para empurrar a CPLP?

Presidente: Primeiro, eu acho a CPLP é muito jovem. São apenas 12 anos de existência. É uma instituição multilateral, em que o Brasil é o país mais importante economicamente e mais importante do ponto de vista da população. É uma instituição multilateral composta de países que têm muitos problemas e, portanto, nós iremos levar algum tempo para consolidar a CPLP em toda a sua plenitude.

O Brasil veio a Portugal com o intuito de dizer aos países da CPLP que nós vamos construir uma universidade na cidade de Redenção, lá no estado do Ceará, e abrir uma quantidade de vagas para formar jovens africanos dos países de língua portuguesa, para formar gestores públicos, engenheiros agrônomos, técnicos agrícolas, porque é assim que vamos conseguir fazer com que os países possam se desenvolver, sejam os países africanos, seja o nosso querido país-irmão, o Timor-Leste.

Jornalista: Presidente, e o ministro Stephanes? Ele negou ter falado que a Rodada de Doha foi (inaudível)?

Presidente: Eu conversei com o Stephanes. A fala do Stephanes não tem nenhuma influência nas negociações da Rodada de Doha.

Jornalista: Presidente, dívida interna?

Presidente: Agora não.

Jornalista: Obrigado, Presidente.



Presidência da República
Secretaria de Imprensa

Entrevista do Presidente da República

(\$31DGJLQ)